



REPRESENTAÇÃO DO NEGRO E DAS CRIANÇAS NEGRAS NA ARTE BRASILEIRA: UMA CARTOGRAFIA

Palavras-Chave: negro, infância negra, artes plásticas

Autores(as):

VICTÓRIA RODRIGUES PAES NASCIMENTO, FE – UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). SILVIO DONIZETTI DE OLIVEIRA GALLO (orientador), FE - UNICAMP

INTRODUÇÃO/METODOLOGIA:

Neste projeto de iniciação científica que opera como instrumento de iniciação do estudante de graduação na prática acadêmica de pesquisa no campo da Filosofia da Educação, objetivou-se construir uma análise sobre a representação do negro e da criança negra na pintura e em ilustrações do Brasil colonial e imperial, tomando como eixo metodológico a cartografia proposta por Suely Rolnik. Nesta perspectiva metodológica buscou-se construir paisagens sentimentais, para além das paisagens físicas estudadas pelo geógrafo.



Figura 1: 'Baiana'- Obra que integra o acervo do Museu Paulista da USP.
<https://artsandculture.google.com/asset/baiana-autoria-desconhecida/LAHmDoRhvrW2fw?hl=pt-br>

A forma encontrada para produzir esta pesquisa foi em formato de portfólio. Essa escolha se deu pela sua possibilidade mais ampla de trabalhar com obras de arte e ilustrações, apresentando-as ao leitor juntamente com o texto escrito, mas de forma que as imagens não são meramente decorativas, possuindo a função de comunicação, trilhando as paisagens sentimentais mencionadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Investigando obras produzidas no período colonial, percebeu-se que seu representar do cativo negro estava mais relacionado à sua agressividade do que com os próprios negros. O medo de que estes fizessem com eles o mesmo tratamento ao qual eram submetidos fez com que a morte física fosse mais uma de outras formas de violência contra a população negra, e o apagamento histórico foi amplamente realizado para dificultar a visibilidade e história da população negra pós-escravidão.



Figura 2: 'Mulher Africana' (1641) - Albert Eckhout
https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Mulher_Negra#/media/Ficheiro:Mulher_negra_banto.jpg

Na primeira etapa desta pesquisa, o caminho cartográfico construído se evidenciou na narrativa de um sentimento mais áspero e seco, se harmonizando com as gravuras de Gustave Doré, pois conforme os credos europeus o estudo da Bíblia, especialmente do Antigo Testamento, foi um ponto chave para compreender a visão de mundo do europeu e o artista que se ocupou em retratar especificamente esse período bíblico foi Doré. Foi essencial para que o leitor conseguisse adentrar na mentalidade branca, para sentir que a pesquisa em sua busca de cartografar sentimentos conseguiu transmitir a visão árida de um mundo marcado de forma extremamente dicotômica entre bem e mal, sombra e luz. Em sua visão o tom de pele era uma marca de sua alma maculada e escura.



Figura 3: 'Cam Amaldiçoado por Noé' (1832-1833)- Gustave Doré.
<https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Gustave-Dore/650921/Gustave-Dore-B%C3%ADblia-No%C3%A9-amaldi%C3%A7oando-Cana%C3%A3.html>

Sobre as crianças negras, foi comum o seu não aparecimento com suas mães, que realizaram o trabalho como amas de leite, crianças brancas em seus braços, mas não era visto onde estavam seus filhos e nesta busca consegui encontrá-los. As crianças negras eram usadas como instrumento de pressão para que suas mães amamentassem os filhos dos senhores de engenho, sua vida era vista como um problema para a narrativa da 'mãe preta' que amava os filhos do senhor como se seus fossem, para isso seu filho não devia aparecer nas representações pictóricas. As crianças negras ficavam a maior parte do tempo amarradas aos corpos de suas mães enquanto estas praticavam as atividades diárias.

Na segunda etapa do projeto, em leituras sobre a vida dos negros que foram escravizados,



Figura 4: 'Our Lady of Regla' - Harmonia Rosales
<https://www.harmoniarosales.art/collections>

bem como seus descendentes, a visão maniqueísta deu lugar às suas crenças ancestrais. Sua fé foi pesquisada, sobretudo em livros contando a trajetória da população negra. O livro mais utilizado nesta etapa foi a "Enciclopédia Negra" de Flavio dos Santos Gomes, Jaimes Lauriano e Lilia Moristz Schwarcz. Essa leitura foi essencial para mostrar a pulsante vida dessas pessoas, que sua história não se resumia ao cativo, então a narrativa juntamente com as imagens foram tomando cores mais vivas e fortes. Buscou-se retratar a força e a esperança desta população, que a cada geração vai se reconectando cada vez mais com sua ancestralidade, fé, cultura e beleza. Releituras de quadros sacros foram utilizadas como

ferramentas de se repensar a relação do negro com o divino, já que o sincretismo de crenças marcou as relações no país.

Uma das ferramentas utilizadas foi a produção de analogias relacionadas à árvore Baobá, também conhecida como árvore da vida e da memória. O Deus do Antigo Testamento deu lugar às deidades africanas; no percorrer da pesquisa ela se mostrou saindo da lógica eurocêntrica, quando se chegou ao assunto miscigenação tão abordado e discutido por muitos autores, o grupo resultante da miscigenação pouco divulgado sobre o qual procurei falar: os chamados cafuzos, união dos africanos e indígenas. Grupo esse, que lendo nos escritos de Rugendas, era extremamente marginalizado, pois era a junção dos que os brancos acreditavam serem os seres mais inferiores da criação, não gerando 'melhoria' das raças. Sendo uma mulher negra e bisneta de uma mulher cafuza, essa pesquisa me possibilitou olhar para dentro de muitas questões que para mim antes eram desconhecidas.

CONCLUSÕES:

No início dessa iniciação científica eu tinha um tema ao qual iria me dedicar e achava que sabia exatamente o que iria encontrar, contudo a pesquisa me mostrou que o processo de pesquisar é se deparar com mais conhecimento e expandi-lo e isso constrói a pesquisa. O olhar do negro sobre si é diferente do olhar do branco para ele, é uma busca e reconstrução de identidade, cura emocional e um viver cada vez mais afro-centrado. Aqui a criança negra existe e está ao lado de sua mãe, ela representa a continuidade da comunidade negra.



Figura 5: 'Birth of Eve' (2018) - Harmonia Rosales
<https://www.harmoniarosales.art/collections>

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, J. **A infância do Brasil**. São Paulo, Nemo, 2022.

EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro, Malê, 2017.

KASTRUP, V. **O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção**. Porto Alegre, Sulina, 2009.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo, n-1, 2018.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia - pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, Sulina, 2009.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (org.). **Pistas do método da cartografia – vol. 2: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre, Sulina, 2016.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental – transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo, Estação Liberdade, 1989.

SANTOS GOMES, F.; LAURIANO, J.; SCHWARCZ, L. M. **Enciclopédia Negra**. São Paulo, Cia das Letras, 2021.

Gèdèlé: O poder feminino na cultura africana-yorubá. Revista África e Africanidades, 12 de Fevereiro de 2011. Disponível em: https://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/12022011_19.pdf. Acessado 25 de julho de 2023.

PORTELA, M. Bruna. **Realidades conectadas: as relações entre indígenas e negros na Comarca de Paranaguá, século XVIII.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/hFTwvH5kkbCj87zcsn6HFnh/>. Acessado 18 de julho de 2023.

APYKÁ, Luan e PACHECO, Dhevan. **Cartilha folhas raízes.** Comissão Pró-Índio de São Paulo - São Paulo, junho de 2014. Disponível em: https://cpisp.org.br/wp-content/uploads/2016/09/CPISP_pdf_CartilhaFolhasRaizes.pdf. Acessado 18 de julho de 2023.

PROPHÈTE, Emmelie e RIBEIRO, Djamila. **Silenciamentos e impasses na transmissão memorial: Haiti e Brasil vistos pelos olhos de duas escritoras afro-americanas: Emmelie Prophète e Djamila Ribeiro.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rblc/a/7pnR3wdphnC3gR6qdhYhqqR/?lang=pt>. Acessado 19 de julho de 2023

RIBEIRO, Djamila. **Cartas para minha avó.** São Paulo, Companhia das letras, 2021.

BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude.** São Paulo, Companhia das letras, 2022.